

Corpos educados em (imagens em) movimento: o cinema nas revistas brasileiras de educação física

EDUARDO GALAK*
FABIO ZOBOLI**
RENATO IZIDORO DA SILVA***

-
- * Professor de Educação Física, Mestre em Educação Corporal e Doutor em Ciências Sociais pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP, Argentina), com pós-doutorado em Educação, Conhecimento e Integração Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, Brasil). Investigador assistente do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Tecnológicas* (CONICET, Argentina). Professor permanente da Universidad Nacional de La Plata na graduação e pós-graduação.
- ** Pós-doutorando em Educação do Corpo pela Universidad Nacional de La Plata. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor do Departamento de Educação Física da UFS. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Política.
- *** Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema da UFS. Professor do Departamento de Educação Física da UFS. Coordenador do Grupo de Pesquisa Corpo e Política.

Introdução

O presente artigo tem como objeto de estudo as relações entre cinema e Educação Física (EF) a partir da produção de conhecimento da temática em periódicos nacionais da EF brasileira no período de 2000 a 2015. Desse modo, realizamos uma revisão sistemática da literatura, com base nos bancos de dados de textos completos de doze periódicos acadêmicos da EF avaliados pelo *Qualis* periódicos da CAPES com o conceito A e B. O levantamento dos dados empíricos foi realizado no banco de dados dos periódicos, com a ferramenta de busca disponível on-line ativada e a seleção dos filtros “título” e “resumo” para aplicar os seguintes termos de busca: “cinema” e “filme/s”.

Na linha para a demarcação do objeto eleito, entendemos a EF sob os argumentos de Bracht (2007), que defende a ideia de que ela não é uma ciência, ainda que esteja interessada nas ciências e nas explicações científicas. A EF é uma prática de intervenção e o que a caracteriza é a intenção pedagógica com que trata um conteúdo que é retirado do universo da cultura corporal de movimento. “Ou seja, nós da Educação Física, interrogamos o movimentar-se humano sob a ótica do pedagógico” (Bracht, 2007, p.33). Essas práticas corporais de movimento são os jogos, lutas, esportes, danças e ginástica.

Sendo o corpo e o movimento temas tão complexos, pode-se afirmar que a EF é composta por um emaranhado de diferentes áreas. Por isso, concordamos novamente com Bracht (2007), quando o autor menciona que a EF precisa ser mais pensada em pequenas comunidades de diálogo, em torno de uma problemática teórica acordada e compartilhada, a partir do corpo e do movimento. O que significa que diversas comunidades, organizadas de diferentes formas, possam estar produzindo e vinculando conhecimentos que estejam enfocados em diferentes problemas sobre o corpo e o movimento, como, por exemplo, o cinema.

Os anos 1980 foram emblemáticos para a EF brasileira, porque foi nessa época que se instaurou a denominada “crise da Educação Física”. Essa crise trouxe para o cenário do campo os saberes e conhecimentos oriundos das ciências sociais e humanas. As preocupações filosóficas entraram em cena e criaram a necessidade de ampliação de discussões

que, até então, eram abordadas somente sob as lentes cientificistas biomédicas. Nascia, portanto, no Brasil, uma EF crítica, não somente no âmbito estritamente da prática da disciplina, senão também em termos políticos, sociais, filosóficos e pedagógicos: uma EF sociocultural. Em decorrência disso, também foram organizados grupos de trabalho e estudo relacionados à comunicação e à mídia, que passaram a analisar mídias como textos, pinturas, fotografias, cinema, televisão, rádio, internet, mídias impressas (jornais, revistas, livros etc.) e mídias digitais no âmbito das práticas da Educação Física.

Com foco especificamente no cinema, este texto o compreende como uma tecnologia que reproduz fotogramas organizados de forma rápida e sucessiva, para criarem a percepção visual de imagens em movimento, cujo ordenamento racional faz com que as formas e os conteúdos de uma ideia projetada possam emergir. Mediante o que Deleuze (2009) chamou de “a ideia” do filme, isso é, a montagem. O cinema tem em seu cerne o manuseio de diferentes signos/traços representativos de significados, na medida em que traz em si manifestações de um determinado contexto por meio da “significação do texto fílmico”.

Por sua vez, o cinema permite pensar não só uma “imagem em movimento”, mas especialmente uma racionalidade da imagem e do movimento: no fim das contas a tecnológica mecânica cinematográfica possibilitou uma nova técnica de exibição, e também uma nova técnica de percepção e uma nova sensibilidade. Essa ligação dos modos de movimento do cinema e da EF tem seu fundamento justamente nas origens da disciplina e na invenção do cinematógrafo. Os argumentos que possibilitaram o nascimento do que na atualidade chamamos de “Educação Física” foram produzidos, em especial, por pedagogos da educação do corpo e por fisiólogos que estudaram o corpo e o movimento a partir de uma racionalidade científica, ordenada e metódica que justificaram a importância dessa prática mediante racionamentos científico-positivistas e propuseram que os emergentes Estados funcionassem como sua veiculação. É precisamente desta mesma base epistemológico/científica da fragmentação e da racionalidade que nasce o cinema.

Entre outros fisiólogos, o francês Ettiéne Jules Marey ocupa uma posição de destaque como criador do invento mecânico que antecedeu o cinema. No seu intento de medir os corpos, Marey criou um aparato

com pretensões fisiologistas, o “*appareil de chronophotographie*”. O cronofotógrafo, então, mostra o relacionamento entre a origem do movimento dos corpos da EF e do movimento das imagens do cinema. Mostra também uma racionalidade metódica e ordenada, a necessidade de um equilíbrio entre o dinâmico e o uniforme, a sucessão equidistante de fotogramas (Galak, 2017). De fato, podemos afirmar que o ponto que dá origem à relação entre EF e cinema é histórico e encontra-se conceitual e metodologicamente no estudo do corpo em movimento. Mais especificamente, a visão ou observação do corpo em movimento, o que designa, para ambos, a dimensão da imagem em movimento, base para a sensação-percepção cinética.

Não obstante, para além desse ponto de partida estabelecido pela dimensão mecânica — biomecânica e cinesiológica — da imagem em movimento, as relações modernas e contemporâneas entre EF e cinema divergem com um campo de reflexão em torno do universo simbólico do corpo em movimento. Assim, por exemplo, em obras precursoras, como como “Olympia” (Riefenstahl, 1938), embora os gestos mecanicamente eficientes dos esportes sejam a base física do objeto filmado, a referida película explora a dimensão ideológica da imagem do corpo em movimento, de modo que de um puro objeto da cinesiologia ou biomecânica, a cinética corporal diz respeito a um ideal estético produzido pela arte. Além disso, por se tratar de um filme ligado ao nacionalismo alemão na época nazista, vemos a relação EF e cinema se configurar — e perpetuar até hoje — no âmbito da esfera educacional do Estado, marcando as pretensões educativas e pedagógicas para a formação dos valores nacionais associados a um amplo acervo gestual.

O presente texto é oriundo de estudos vinculados ao Grupo de Pesquisa Corpo e Governabilidade, do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil, em parceria com o Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (IdIHCS), por meio do Centro Interdisciplinario Cuerpo, Educación y Sociedad da Universidade Nacional de La Plata, Argentina. A parceria se materializa a partir do projeto “Corpos educados em (imagens em) movimento”, que tem como objetivo analisar o cinema sob o aspecto da arte e da cultura, na medida em que parte da premissa de que as produções cinematográficas podem ser concebidas como obras capazes

de refletir, representar e significar as sociedades das quais derivam ou sobre as quais dissertam.

Las “imágenes en movimiento” remiten a la secuencia de fotogramas que componen las producciones fílmicas, cuyo ordenamiento racional hace emerger las formas y contenidos de la idea proyectada. En esta dirección, las realizaciones cinematográficas funcionan como una importante herramienta de difusión de discursos políticos y de sentidos estéticos. (Galak, 2017, p.12)

Por conseguinte, com fins didáticos, visando alcançar o objetivo deste estudo, organizamos o texto em três partes: num primeiro momento, descrevemos a metodologia que estruturou esta pesquisa. Na sequência, apresentamos os dados para estabelecer um diálogo teórico entre eles, com o objetivo de visualizar os modos como a EF vem tratando a temática do cinema nos periódicos acadêmicos do campo. Na terceira e última parte, tecemos nossas considerações finais, acenando possibilidades para a EF diante da denominada sétima arte.

Metodologia

Os chamados “Estudos de revisão de literatura” ou “Estado da arte” sobre temas acadêmicos e socialmente relevantes vêm se consolidando como um modo histórico e epistemológico de refletir as tendências, avanços, retrocessos, obstáculos, problemas e soluções que configuram os campos da ciência contemporânea. Esses estudos geralmente estão articulados à formação profissional como modo de difusão e experimentação responsável de conhecimentos científicos nos contextos sociais.

Segundo Romanowski e Ens (2006, p.39), as pesquisas do tipo “Estado da arte” contribuem epistemologicamente com a construção de campos teórico-metodológicos na medida em que identificam as bases dos conhecimentos relativos à pesquisa (produção de conhecimento) e também da pedagogia (ensino-aprendizagem do conhecimento produzido), sem perder de vista os limites das áreas relativas à produção e sua difusão, bem como as possibilidades de inovação e ampliação do conhecimento. Por isso, a realização de abrangentes revisões de literatura no campo da EF vem, paulatinamente, fortalecendo publicações

acadêmicas com esse caráter no âmbito de congressos, periódicos, teses, dissertações e livros, na medida em que vem tendo impacto na propoção de novas pesquisas, sejam elas empíricas ou de fundamentação (Bracht, 2007; Gamboa, 1995).

Nosso artigo objetivou realizar uma revisão de literatura sistemática com base nos bancos de dados de textos completos de doze periódicos da EF brasileira avaliados pelo Qualis Periódicos da Capes¹ com o conceito A (A1 e A2) e B (B1, B2, B3 e B4). Ou seja, nossa pesquisa esteve atenta aos seguintes periódicos: Movimento/UFRGS, Motriz/UNESP, Revista Brasileira de Ciências do Esporte/CBCE, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte/USP, Revista da Educação Física/UEM, Licere/UFGM, Motrivivência/UFSC, Pensar a Prática/UFG, Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde/SBAFS, Revista Brasileira de Ciência e Movimento/UCB, Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte e Kinesis/UFMS.

A leitura exploratória e de mapeamento tem como procedimento a realização da leitura de títulos, resumos e palavras-chave (aderência, adesão, permanência, assiduidade e manutenção), a fim de identificar ideias que estiverem de acordo com o tema em constituição. Assim sendo, o levantamento dos dados empíricos do nosso estudo foi realizado no banco de dados dos periódicos, utilizando a ferramenta de busca disponível on-line, selecionando o filtro “título” e “resumo” para aplicar os seguintes termos de busca: “cinema” e “filme/s”. O conteúdo levantado, analisado e interpretado dos referidos periódicos estão integralmente disponíveis na internet, nos respectivos bancos de dados dos seus endereços eletrônicos.

Após a coleta dos textos, procedemos à leitura dos resumos e efetivamos algumas exclusões, conforme os seguintes critérios: a) textos de anais de eventos, b) textos apresentados como resumos, c) resenhas de filme, d) textos que extrapolavam o recorte temporal 2000-2015, e) textos em que, no resumo, as palavras “cinema” e “filme/s” eram trazidas apenas para fazer menção a um exemplo de alguma temática

1 Este é o parâmetro “Qualis 2014”, obtido em 19 de setembro de 2016, na plataforma Sucupira: sucupira.capes.gov.br.

tratada no corpo do texto. A figura do periódico acadêmico-científico é aqui apreendida como fonte empírica exclusiva do nosso objeto de pesquisa (Catani; Souza, 1999), considerando que a produção científica periódica pode ser nacionalmente representativa das abordagens sobre nosso objeto, isso sem desconsiderar, para estudos posteriores, a possibilidade de ampliação das fontes para outros meios de publicação como livros, anais, teses, dissertações, cartilhas, leis etc.

De acordo com Pádua (2004), depois de realizada “(...) a coleta dos dados julgados pertinentes e relevantes, inicia-se o processo de análise, classificação e interpretação das informações coletadas” (p.81). Assim sendo, fizemos uma divisão/categorização na qual estivemos atentos ao conteúdo dos artigos: objetivos, ideias principais, conceitos trabalhados pelo autor, modos utilizados para encarar por meio do cinema fenômenos recortados como objeto de estudo. Porque, segundo Gonçalves (2005), o trabalho de análise categorial reúne “(...) formas de conscientização nos conceitos dos modos (...) da relação do homem com o mundo (...)” (p. 112), ou do pesquisador com seu objeto empírico — mundano — de estudo. Depois disso, foi analisado o conteúdo de maneira crítica-reflexiva referente ao conteúdo interno da obra em face dos conceitos que surgiram na revisão de literatura ou revisão teórica do texto.

Análise e discussão dos dados

Como descrito na metodologia, primeiramente fizemos um levantamento dos textos de acordo com nosso objeto de investigação, ou seja, a partir do filtro “título” e “resumo”, coletamos textos que faziam alusão aos termos “cinema” e “filme/s”. A busca nos 12 periódicos pesquisados resultou na incidência de 33 artigos. Após aplicarmos os critérios de corte, seis textos foram excluídos, desse modo, nossa amostra empírica ficou reduzida a 27 artigos.

Dos 12 periódicos eleitos para coleta, sete não apresentavam qualquer ocorrência que fizesse menção aos termos de busca: “cinema” e “filme/s”. A seguir, apresentamos os outros cinco periódicos que veicularam a temática, bem como, entre parênteses, as siglas de suas instituições acompanhadas do número de trabalhos publicados: a) Revista

Movimento (UFRGS — 10); b) Revista Licere (UFMG — 6); c) Revista Pensar a Prática (UFG — 5); c) Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (USP — 4); d) Revista Motrivivência (UFSC — 2);

Na sequência, apresentamos a análise dos 27 textos divididos, conforme suas respectivas categorias, para balizarmos, ao final da narrativa de cada uma das categorias, de forma sintética, algumas possíveis interpretações das relações entre EF e cinema extraídas do material coletado para discussão. A totalidade dos artigos foi dividida e agrupada em cinco categorias: esporte, sexualidade e gênero, lazer, educação, e corpo. Abaixo, apresentamos categorias com suas características e argumentos de agrupamento, bem como os textos agrupados a essas categorias temáticas.

Categoria esporte: acerca da relação entre EF e cinema, a categoria esporte se destaca tanto dentro quanto fora do nosso escopo bibliográfico. Adiantando parte da nossa síntese de resultados finais, mediante dados da nossa pesquisa, percebemos que não existem relações diretas entre EF e cinema, na medida em que ambos os fenômenos se cruzam e dialogam com base em alguns mediadores, dispostos aqui como categorias, e o esporte é o intermediário principal em termos de intensidade e frequência. Doravante, o esporte realiza essa interface de duas maneiras básicas no âmbito geral do campo. Porém, no presente recorte bibliográfico, destaca-se apenas o primeiro desses modos a ser, por conseguinte, apresentado. Antes de prosseguirmos, é importante destacar que só foi possível obter a divisão a seguir a partir da compreensão que obtivemos da questão com base na sistematização à qual chegou Victor Andrade Melo, certamente o pesquisador mais produtor no campo investigativo da EF brasileira, que é também interdisciplinar.

As duas formas mediadoras são: a) esporte e cinema como fenômenos propriamente modernos que compartilham algumas características em comum: dimensão de massa, expressão no campo do espetáculo de massa, retroalimentação e potencialização por conta das mídias e recursos audiovisuais, produções econômicas que exigem grandes coletivos de pessoas em termos industriais e institucionais, comunicação e linguagem da cultura moderna, do ser humano moderno, b) esporte e cinema como uma temática interessante e relativamente eficaz para a prática pedagógica — ensino-aprendizagem — da EF nas

escolas e universidades. Nesse sentido, educadores, seguindo o raciocínio de que esporte e cinema consistem em ser fenômenos de massa na modernidade, compreendem que tal relação potencializa o interesse dos estudantes por alguns conteúdos curriculares, tanto em face do compromisso do campo com a construção de conhecimento sobre a sociedade quanto diante da necessidade de seus docentes promoverem interesses e experiências de aprendizagem segundo o domínio motor, cognitivo, afetivo e social dos estudantes.

A seguir, apresentamos os dez textos alocados nessa categoria:

O texto de Peil e Lovisolo (2010) parte do pressuposto de que nas narrativas cinematográficas sobre o esporte dominam os recursos filosóficos do Romantismo, dessa forma os autores tomam o filme “Bobby Jones: a lenda do golfe” (Herrington, 2003)” para sustentar a interpretação que propuseram. “Nesta biografia, características básicas do Romantismo, como a noção de Gênio, a angústia da cisão, a valorização do prazer, a busca da unidade, a autenticidade, a organicidade e a valorização da natureza se fazem notar tecendo as relações no todo da prática esportiva” (Peil e Lovisolo, 2010, pp.304-305).

O filme chinês *Pingue-pongue na Mongólia* (Hao, 2005) é o eixo sob o qual gira o estudo de Dias (2012). O autor utiliza esse filme como pano de fundo para discutir os aspectos dos significados simbólicos e políticos do Leste Asiático após a escolha do Japão e da Coreia do Sul como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2002, e da China para sediar as Olimpíadas de 2008, no que tange aos aspectos da dialética local-global, no que se refere aos esportes — e, por consequência, à cultura. “As aventuras do personagem principal da história, Bilike, deflagradas pela descoberta de uma bola de pingue-pongue, servem de pretexto para exhibir os dramas do conflito entre tradição e modernidade vivido atualmente na Mongólia” (Dias, 2012, p.294).

Por meio dos filmes japoneses *Sanshiro Sugata* (Kurosawa, 1943) e *Kuro-obi* (Nagasaki, 2007) Sousa (2013) objetiva reflexionar sobre o budô no cinema japonês. “Os filmes, apesar de serem de épocas distintas, trazem abordagens semelhantes sobre o budô, o caminho-via marcial, procurando ilustrar, nas telas de cinema, os princípios ético-morais e filosóficos que regem esse sistema marcial” (Sousa, 2013, p.329).

Apesar de Vitor Melo de Andrade ter publicado dois textos com o título “A presença do esporte no cinema: de Étienne-Jellus Marey a Leni Riefenstahl”, em dois periódicos diferentes, ambos os textos apresentam conteúdos distintos. No primeiro texto, publicado na Revista Brasileira de Educação Física e Esportes da USP, o autor, mediante pesquisa histórica, objetivou demonstrar empiricamente as proximidades entre esporte e cinema. Melo (2005) diz que “O intuito básico é identificar as mudanças que houve nas representações do esporte no cinema, à medida que amadurece a própria linguagem cinematográfica e que se aprofundam os diálogos entre as duas manifestações” (p.115).

O outro estudo de Melo, publicado na Revista Movimento, parte de alguns questionamentos que giram em torno das questões da estética e do esporte: será que o aspecto estético é um dos elementos fundamentais na consolidação da popularidade do fenômeno esportivo? Como então esse “objeto com potencial estético” (o esporte) se relaciona com outros “objetos com potencial estético” da nossa sociedade? Trata-se o esporte somente de um “tema” e/ou “inspiração” para obras de artes ou pode, também, ser considerado uma manifestação artística, estabelecendo diálogos intersemióticos com outras linguagens? (Melo, 2005). Lançados esses litígios, o autor objetiva discutir as relações entre esporte e arte, e mais, ele tenta argumentar que o esporte também pode ser considerado arte.

Em 1963 são lançados dois filmes de dois grandes ídolos do futebol brasileiro: *O Rei Pelé* (Christensen, 1962) e *Garrincha, alegria do povo* (Andrade, 1968). Fundamentado nesses dois filmes, o estudo de Melo (2006) vislumbrou discutir a questão da identidade nacional apoiado nos comentários das obras, que foram feitos por jornalistas e críticos do esporte dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. O autor traz ao texto também a voz de Néelson Rodrigues para fortalecer as relações entre identidade nacional e os gramados de futebol, e conclui: “Assim como o homem brasileiro, na visão de Néelson, o futebol tem algo de honesto e algo de canalha” (Melo, 2005, p.292).

O artigo de Melo e Fortes (2009) teve como objetivo analisar quatro filmes lançados sobre surfe no período de 1978 e 1983, com a intenção de observar porque o surfe ocupou um espaço privilegiado nesse período nas produções cinematográficas. Os filmes divulgaram o surfe

como uma forma de encontro de uma nova juventude saudável com a natureza, um certo contraponto à lógica do trabalho e à sensação de ambiente opressivo das cidades.

Mannathukkaren (2012) apresenta em seu artigo uma crítica ao filme *Lagaan: Once Upon a Time in India* (2001), demonstrando que a tentativa para entender “Lagaan: era uma vez na Índia” (Gowariker, 2001) a partir das teorias pós-coloniais mencionando que o mesmo desconsidera fatores como o capital e o sistema de castas que são centrais para se compreender a cultura do críquete na Índia. O autor argumenta que a agência de classes subalternas, que o nacionalismo no críquete que surge em Lagaan, é fortemente semelhante ao nacionalismo burguês da Índia em suas diferentes formas e que não deixa lugar para os subalternos. Mannathukkaren (2012) chega à conclusão ao final da discussão que o empoderamento das pessoas mencionadas no filme é uma noção vaga, que não tem conexão com a realidade material.

O estudo de Horn e Mazo (2009) pondera o fenômeno das torcidas de futebol sob a perspectiva da história cultural. O objetivo do estudo foi identificar quais eram as formas de manifestação da torcida do Grêmio Esportivo Renner de 1945 até 1959. O cinema entra no estudo como fonte de coleta de dados empíricos na medida em que os autores analisam um filme documentário sobre o time pesquisado.

O Rio Mountain Festival é uma mostra de filmes de montanhismo que acontece com fins de confraternização e afirmação da cultura desse esporte de natureza. Maia, Araújo, Mota e Alves Junior (2015), em seu estudo, objetivaram investigar esse festival e entender a sua relação com as atividades de aventura na natureza. Com base nas análises dos filmes, os autores concluíram que a mostra exerce um duplo papel no que se refere ao imaginário social das atividades de aventura e na natureza, pois, ao mesmo tempo em que os filmes exibidos são produtores de novos conceitos e estilos de vida, eles têm também a capacidade de modificar o imaginário social já existente sobre a prática do montanhismo, na medida em que esses filmes retratam aquilo que se passa no dia a dia dessas atividades (Maia et al., 2015).

Os 10 trabalhos agrupados nesta categoria abordam a temática do esporte de acordo com algumas estratégias de exposição e argumentação para articular seu conteúdo a outros temas sociais, políticos,

culturais e econômicos. Dentre as referidas publicações, sete elegeram como fio condutor da argumentação uma ou mais obras cinematográficas nacionais ou estrangeiras para abordarem temas diversos, tais como: o herói romântico, política, filosofia, identidade, nacionalismo, contracultura, narrativas e crônicas esportivas. Os três textos restantes se valeram de outros focos para abordarem o assunto, e um deles trata da relação entre esporte e cinema com base em uma trajetória histórica estabelecida entre duas diretoras. Outros artigos se valem do cinema como fonte ou referencial documental para abordar a sociologia das torcidas de futebol. Por fim, há registro de uma publicação que estudou uma mostra periódica de cinema e seu papel na construção de um imaginário social acerca dos esportes de natureza. Como destacamos anteriormente, os textos dessa categoria — esporte — não trouxeram para o âmbito desse recorte os aspectos pedagógicos da relação EF e cinema, que então se apresenta para além de nossas fronteiras metodológicas. Apesar de que seus conteúdos possam, certamente, contribuir com a fundamentação didático-pedagógica do campo, pois nos informam sobre aspectos indispensáveis para a formação escolar e universitária de estudantes do campo.

Categoria sexualidade e gênero: a categoria sexualidade e gênero apresenta textos que retratam filmes que se opõem à dimensão puramente biológica do processo de diferenciação sexual, trazendo para essa discussão aspectos culturais e políticos das relações entre sexos. Alinhados e articulados com as problematizações realizadas por Judith Butler sobre sexualidade e gênero, é possível compreender gênero como “os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado” (Butler, 2003, p.24). Afinal, a inscrição de gêneros “é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (Louro, 2000, p.11). A sexualidade, da mesma forma, é “aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (Butler, 2010, p.155). Ao concordar com isso, implica entender o “modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico” (Louro, 1997, p.22).

Nessa categoria foram alocados cinco textos que passamos a apresentar.

Dois estudos de Chaves e Araújo (2015a, 2015b) abrem as análises dessa categoria: por meio dos filmes “*Summer storm* (2004)” e “*Guys and balls* (2004)”, os autores refletem sobre corpos, masculinidades e sexualidades não normativas no esporte. Esses dois filmes descentram as noções de virilidade e eficiência atreladas à masculinidade clássica, levando-nos a compreender as subversões que os atletas *queer* provocam nos padrões clássicos de gênero (Chaves e Araújo, 2015a). O outro texto de Chaves e Araújo (2015b) é pautado no filme “*Beautiful Boxer* (2004)”, o qual narra a história real de um lutador de boxe tailandês chamado Nong Toom, que é um transexual que se sente aprisionado num corpo de homem. Por meio do filme os autores objetivam tecer apontamentos a respeito dos sujeitos de sexualidade e gêneros desviantes do padrão heteronormativo. “O filme descentra as marcações de gênero clássicas e noções binárias do masculino e do feminino, que polarizam força e delicadeza no esporte e nos faz pensar no esporte a partir de uma configuração *queer*” (Chaves e Araújo, 2015, p.219).

O trabalho de Fernandes e Mourão (2014) também se utiliza do boxe para, por meio do filme *A menina de ouro* (2004) desestabilizar as estruturas de gênero na medida em que o filme apresenta uma feminilidade forte e viril em contraponto com os estereótipos femininos de fragilidade e fraqueza.

Pautada no argumento de que historicamente o olhar sobre o esporte tem sido um olhar construído desde o ponto de vista masculino, Rodrigues (2002), por meio do filme “*Olympia* (1938)” dirigido pela cineasta alemã Leni Riefenstahl, apresenta a ruptura no tipo de imagens que constroem a masculinidade. “*Olympia, de Leni Riefenstahl, es uno de los pocos casos en que esta relación se invierte y es la mujer — o acaso una mujer que condensa la mirada de las mujeres — la que narra el universo del deporte*” (Rodríguez, 2002, p.90).

O estudo de Fortes (2014) é pautado na narrativa fílmica de *A Onda dos Sonhos 2* (2011), que além de apresentar a África do Sul como um local para se praticar surfe, estabelece tensões com a subcultura do surfe pelo protagonismo feminino — coisa rara em filmes de surfe. Segundo o autor, no extra do filme, a surfista profissional australiana Laura Enever menciona: “tomara que *A Onda dos Sonhos 2* faça mais garotas quererem surfar”. No mesmo extra o surfista sul-africano

Jordy Smith concorda: “certamente haverá mais garotas surfando do que antes” (Fortes, 2014).

Percebemos que os textos dessa categoria medem esforços na superação das demarcações sociais da sexualidade e gênero. Dessa forma, estão em consonância com os estudos de Butler (2003), que sugerem que a política não se desloque mais no sentido de estabelecer um sujeito de identidade fixa, mas que deixe em aberto a questão da identidade, que ela seja algo que não organize a pluralidade, porém, que a mantenha aberta, sob permanente vigilância. Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria (Butler, 2003). Fugir dessa formação identitária de gênero, como nos mostra Butler (2003), é como se os corpos, que fogem da norma, não fossem legitimados fora delas; é como se esses corpos formassem um campo de deformação, pois vão contra a norma ou forma regulatória de ser e de se expressar. São corpos que não se enquadram na inteligibilidade da cultura, já que toda inteligibilidade implica sistemas categoriais ou taxionômicos metafísicos responsáveis por organizar a realidade material.

Acreditamos que o cinema possa ser uma ferramenta política importante na construção estética para se olhar o corpo sob a diversidade da sexualidade e do gênero. Para tal nos ancoramos em Shaviro (2015), quando menciona que a estratégia de inverter os papéis de gênero no cinema envolve não somente a criação de novos arquétipos, mas a apresentação de um espaço cinemático altamente carregado, no qual os arquétipos expressivistas tradicionais, classificados por gênero, são dispersados e esmigalhados como partículas subatômicas.

Categoria lazer: seguindo a linha relacional esporte e cinema, o lazer também está para o cinema de modo íntimo na estrutura social, política, econômica e cultural da vida moderna. Ou seja, tanto o esporte quanto o cinema são formas de lazer, formas de atividade — produtiva ou improdutiva (útil ou fútil) — no chamado tempo-livre. Não perdendo de vista a impossibilidade de simplificar esse termo-conceito tão polêmico, especialmente, quando articulado às categorias trabalho e produção no âmbito da economia de mercado. Não obstante,

a articulação esporte-cinema sintetiza uma dada complexidade ética e estética no campo da experiência corporal do lazer. No que tange à EF, os estudos do lazer, desenvolveram-se mais tradicionalmente segundo as experiências das práticas corporais esportivas, mas, também, aquelas relacionadas ao jogo e à dança.

Em outras palavras, o campo da EF atrelou ao lazer as atividades corporais em que o movimento é expressão indubitável; enquanto o cinema, um dos principais objetos modernos de lazer, ao lado do espetáculo esportivo, configuram certa passividade ou estática fenomenológica do espectador, de modo que tais fenômenos podem ser afastados politicamente do campo, justamente pela evidência hipocinética dessas atividades de entretenimento. Nas palavras de Marcellino (2009): “Embora venha crescendo nas quatro últimas décadas, a produção acadêmica relativa ao campo do lazer (...) e (...) nas questões que se centram nos interesses físico-esportivos, como um dos seus conteúdos culturais, ainda é incipiente”. Do mais notável para o menos notável dos vínculos da EF com o lazer, o autor destaca mais alguns campos de articulação: turismo, educação para o lazer, entretenimento-espetáculo-divertimento, saúde e bem-estar, urbanidade, participação-inclusão social, meio-ambiente e preservação da natureza, consumo e desfrute de bens culturais produzidos pelo trabalho capitalista etc. Nesse contexto, o cinema aparece como um tema ou atividade transversal, ao lado de outras que perpassam os estudos e as práticas de lazer, a exemplo da especificidade do futebol, do surf etc.

Cinco foram os textos alocados nessa categoria.

O trabalho de Falco (2007) apresenta e analisa os dados de uma pesquisa com pessoas que costumam ir ao cinema como forma de lazer. “No decorrer do estudo foi possível notar que as pessoas percebem o cinema como uma forma privilegiada de lazer fora de casa, que lhes permite cultivar em seu íntimo um universo rico de novos olhares sobre si e sobre os outros” (Falco, 2007, p.23).

Oliveira e Mendes (2012), também partem da perspectiva do lazer cinematográfico para pensar as noções de liberdade e subjetividade em Foucault, sob a perspectiva dos frequentadores do cinema alternativo Cineclubes Natal. O estudo tenta estabelecer possíveis relações entre o

cinema alternativo e a reconstrução de novos processos de liberdade e subjetividade (Oliveira e Mendes, 2012).

O terceiro trabalho veiculado à categoria lazer foi o de Souza Neto e Silva (2009), que objetivaram investigar as primeiras manifestações de lazer na capital mineira de 1897 até a 1910. O estudo pautou sua coleta de dados em fontes de arquivo histórico com centralidade sobre o jornal oficial do Estado, o Minas Gerais, que instaura uma seção denominada “Festas e Diversões”. “A própria seção ‘Festas e Diversões’ traz, em 1908, uma nota que também aponta para a crescente apropriação do cinema como elemento distintivo de lazer, constituindo-se definitivamente, a partir desse referido ano, como um espaço preferencial de divertimento da elite belo-horizontina” (Souza Neto e Silva, 2009, p.16).

Vaz (2006) apresenta um estudo no qual ele estabelece alguns elementos de relação entre o conceito de “indústria cultural” — desenvolvidos por Theodor Adorno e Max Horkheimer — e “lazer”. O cinema/filme entra no seu estudo em vários momentos com a intenção de estabelecer tensões com o de conceito “indústria cultural” na medida em que ele procura compreender as condições de produção e reprodução social, fazendo relação à mercadorização da cultura, sua banalização e reificação (Vaz, 2006).

O artigo de Almeida, Gutierrez e Marques (2013) tentou compreender no período da ditadura militar brasileira (1964-1984), alguns elementos ligados às atividades de lazer. Como resultado, os autores mencionam que algumas práticas, tais como: música, televisão, teatro e cinema foram censurados devido aos seus conteúdos de protesto.

Podemos notar que os trabalhos em pauta acerca da relação cinema e lazer fogem de certa tradição dos estudos de lazer na EF, na medida em que não há uma preocupação em articular com o principal objeto desse campo, que são, segundo Marcellino (2009) “As atividades físico-esportivas, tanto na condição de praticantes quanto de espectadores” (p.82). Nesses termos, assume-se que, embora a fenomenologia da relação cinema-lazer implique uma dimensão hipocinética, ou mesmo de sedentarismo, a EF pode se deter à fruição cinematográfica como um modo de lazer pertinente ao campo. A nosso ver, o argumento para sustentar esses estudos no âmbito epistemológico da EF é o entendimento de que, em especial, acerca de sua dimensão pedagógica

escolar e cívica, o cinema subjetiva — educa — modos de relação com o corpo, com o trabalho e com o tempo livre, em termos de desfrute de bens produzidos pela humanidade, próprios e necessários para o processo de humanização da sociedade moderna. Porém, sem perder o horizonte crítico acerca de uma humanização reduzida ao consumo, como forma de participação no desenvolvimento histórico da humanidade na esteira do princípio de sociabilidade ou socialização, como processo essencial para tal finalidade: humanizar-se.

Categoria educação: na categoria educação foram enquadrados quatro artigos que abordam o cinema, de modo crítico ou propositivo, como estratégia didático-pedagógica sistematizada para se pensar questões e conteúdos ligados à docência em EF. Trata-se de trabalhos responsáveis por orientar a formação profissional do docente, tendo o cinema como um suporte para refletir sobre questões de cunho filosófico, científico e ideológico, bem como aquelas chamadas de tácitas — quando adquiridas durante a empiria da docência — necessárias para a formação docente na universidade e para seu trabalho pedagógico no campo de trabalho escolar. Essa categoria abarca, ainda, estudos que apontam para o uso prático do cinema nas aulas de EF na escola e na universidade para abordar temas pertinentes à disciplina.

Já na primeira frase do resumo de seu estudo Gonzáles e Campazas (2013) disparam: “O cinema é um poderoso dispositivo de pedagogia pública cujo potencial é ignorado pelo sistema educativo” (p.96). O texto é desenvolvido em torno do filme de ficção científica chamado “Rollerball (2002)”, que é um esporte violento e, por vezes, mortal. O esporte é jogado em arenas espalhadas ao redor do planeta. A trama se dá quando os principais jogadores do esporte decidem denunciar a corrupção existente por trás dos jogos, após descobrirem que o dono do principal time do *rollerball* faz de tudo para manipular os resultados dos jogos em benefício próprio. Dessa forma, o artigo apresenta toda uma discussão de como um filme sobre esportes pode servir para estimular o exercício da imaginação sociológica nos estudos de EF e esportes (Gonzáles e Campazas, 2013).

O outro estudo dos autores Gonzáles e Campazas (2014), também se serve de um filme — *Diamantes Negros* (Alcaut, 2013) — para

reflexionar o filme como se fosse um texto de sociologia para pensar o esporte na EF:

En nuestro acercamiento al cine deportivo, consideramos que las películas (*Diamantes Negros*, en este caso) son textos académicos no convencionales de gran utilidad como fuente primaria para la investigación y como recurso pedagógico para la enseñanza en el campo de las Ciencias de la Educación Física y el Deporte. (González e Campazas, 2014, p.198)

O filme *Diamantes Negros* trata da problemática do tráfico de meninos africanos para jogar futebol em outros continentes.

O texto de Pinto e Perreira (2005) é um relato de experiência de uma turma de 32 universitários que cursavam as aulas de Prática de Ensino de EF Escolar I e II, ministradas no curso de licenciatura em EF da Universidade Federal de Santa Catarina, que culminou na construção de um vídeo documentário sobre as olimpíadas esportivas de uma escola onde esses acadêmicos estagiaram. Durante a disciplina o professor fez oficinas para ensinar técnicas de utilização da filmadora portátil, movimento e gravação, enquadramentos possíveis, aspectos relacionados à iluminação, sonorização e outros. Para subsidiar a produção e análise videográfica realizada, o professor também propôs a resenha e discussão de outros filmes, que tivessem relação com o tema vídeo educação. Para isso, fez uso de dois filmes: “Boleiros: era uma vez o futebol” (Giorgeti, 1998) e “Tiros em Colombine” (Moore, 2002). O texto tratou de refletir técnica e teoricamente a utilização didática do cinema nas aulas de EF, mas, sobretudo, na formação inicial de professores de EF (Pinto e Perreira, 2005).

O artigo de Magalhães, Batista e Garcia (2014), parte de uma análise do filme *Sonhos no gelo* (2005), que conta a história de uma aluna brilhante em física que, para conseguir uma bolsa para a universidade, é sugestionada pelo seu professor a estudar a física na patinação sobre o gelo. No entanto, o que era para ser um trabalho acadêmico vira uma paixão, e a estudante passa a se relacionar com o esporte na condição de atleta. Os autores, além de se proporem a realizar a análise do filme fundamentado na estética marxista proposta por Lukács (1978), objetivam, sobretudo, por meio do filme, promover subsídios

para o professor refletir, de forma contextualizada, a questão do esporte, da escola, da relação professor/técnico/aluno/conhecimento em uma sociedade regida pelo capital (Magalhães et al., 2014).

Os textos desta categoria nos permitem compreender que o filme/cinema pode ser utilizado como ferramenta pedagógica, na medida em que nos permite o contato reflexivo com os códigos e símbolos que estão em uso dentro de um contexto cultural — ou fora dele — com o intuito de ressignificar as representações convencionadas e padronizadas. “Ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista de formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (Duarte, 2002, p.17).

O texto não necessariamente é palavra escrita ou falada, ele pode ser uma sequência de imagens e até mesmo uma sinfonia. O Cinema, ou mais especificamente, a obra cinematográfica chamada de filme, pode ser encarado como uma espécie de discurso que se efetua como evento, como acontecimento e, portanto, é compreendido como significação, ou seja, como interpretação. (Peil e Lovisollo, 2010, p.290).

Bettoni (2011) defende a importância de estudar o cinema da mesma forma que se estuda literatura, ou seja, como meio de expressão artística, estética, verbal e como linguagem. Logo, o cinema não deve ser aproveitado nas escolas somente como um recurso para explicar temas específicos nas disciplinas, mas também como experiência instauradora de sentido, como instrumento de comunicação, como meio de obter conhecimentos, ou seja, é necessário compreender o cinema como fonte de informação e formação humana.

Categoria corpo: esta categoria aborda textos que têm como objeto de pesquisa, o corpo inserido nas narrativas (linguagens) fílmicas na condição de personagens ou atores, analisado como um signo, no interior de uma estrutura sintática (ou gramática cinematográfica), em relação a outros corpos, que também são signos da composição. Desse modo, nas histórias se expressam, segundo nossa hipótese, retratos tanto de uma dinâmica de estabilização (ortodoxas) quanto de dinâmicas de desestabilização (heterodoxas) dos modelos (protótipos, paradigmas e arquétipos) de relação de poder no interior da sociedade e suas configurações políticas (sociais, culturais e econômicas) cada vez mais conflitivas (contraditórias, incongruentes e colidentes).

Dessa forma, o corpo no cinema pode ser visto como um instrumento de imanência de vida política. Não obstante, o “(...) corpo é um vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (Le Breton, 2011, p.7).

Abaixo, apresentamos os dois textos dessa categoria.

O primeiro dos dois textos alocados nessa categoria trata de uma análise do filme “O lutador (2008)”, estrelado por Mickey Rourke, no papel de um lutador de *pro-wrestling* em final de carreira. Segundo Oliveira, Gomes e Almeida (2011), Mickey ao interpretar Randy “O lutador”, participa de uma trama na qual os processos de construções de si (modos de ser, estar, aparecer, pertencer a si e a um grupo específico) tem uma centralidade no corpo, na medida em que esse se apresenta como meio e fim dessa aquisição, na proporção em que as práticas desencadeadas pelo lutador fundem na formação da bioidentidade, produzindo um eu que é indissociável do trabalho sobre o corpo. Os autores empregam o termo bioidentidade para se referir às formas pelas quais o personagem central do filme se descreve, se experimenta e se apresenta ao outro, em que seu corpo é o seu *self* externado, seu outro mais próximo (Oliveira et al., 2011).

O segundo texto se constituiu num ensaio, em que Finco e Fraga (2013) objetivam trazer a discussão do processo de inserção do videogame na cultura contemporânea e sua inserção quanto às interações humanas, principalmente, quanto às características dos *exergames*, jogos eletrônicos para se movimentar/exercitar, e como exemplo disso, o jogo Wii Fit, da Nintendo, como um dos mais bem-sucedidos nesse processo de uso doméstico do videogame e implicações disso na promoção de um estilo de vida ativo, isto é, jogos eletrônicos baseados na interação corporal de movimento. No ensaio, os autores também trazem um resgate histórico, informando que, nos anos 1980, a produção cinematográfica, com obras de ficção científica, investiu em suspenses de abdução virtual, alimentando o imaginário infanto-juvenil daquela geração, preparando o terreno para a relação dos videogames com a interação corporal, que se iniciou nos anos 1990, “quando os jogos eletrônicos trouxeram novas possibilidades: jogar e se exercitar ao mesmo tempo” (Finco e Fraga, 2013, p.10).

Percebemos, pelos textos acima, que o cinema convida — ou força — meu corpo a se confrontar com um fluxo de sensações que não posso relacionar a uma presença física nem traduzir a uma abstração sistemática (Shaviro, 2015). Ao tratar do corpo cinemático, Shaviro (2015) trata da dimensão da afetação do corpo pela narrativa fílmica: “O corpo cinemático ambivalente não é um objeto de representação, mas uma zona de intensidade afetiva, um ponto de ancoragem para a articulação de paixões e desejos, uma área de contínua luta política” (p.307).

Na busca do relacionamento entre EF e cinema encontramos um texto que não se ajusta nos parâmetros das outras categorias, o qual incorpora novas dimensões. Trata-se do estudo de Coelho et al. (2012) que está centrado na prática corporal da dança e “tem como objetivo refletir e realizar uma análise sobre as danças descritas no livro *Lavoura Arcaica*”, de Raduan Nassar (1989), e no filme *Lavoura Arcaica* (2001), de Luiz Fernando Carvalho. Ao final, os autores concluem que na obra cinematográfica de Carvalho foi mantida toda a poesia e lirismo presentes na obra literária de Nassar, concluindo também que as danças descritas em tais obras apresentam significativas diferenças entre si. Porém, alertam os autores, tanto no romance *Lavoura Arcaica* quanto no filme *Lavoura Arcaica*, temos a representação do Dabke, uma dança típica do folclore libanês (Coelho et al, 2012 p.294).

Considerações finais

Como já evidenciamos em outras passagens do presente texto, a EF não possui relações diretas com o cinema. O motivo para esse vínculo indireto pode ser justificado por um problema histórico e político da área, que abrange outros campos epistemológicos de interação temática do campo, não sendo redutíveis aos vínculos entre EF e cinema, portanto, as questões aqui traçadas. Vemos, portanto, que o fundamento dessa relação indireta é de cunho estrutural e não exatamente empírico ou particular ao escopo aqui presente. Em outras palavras, o estudo aqui desdobrado não escapa da persistente problemática do campo em torno da definição de seu objeto de estudo, que então se articula aos seus limites teórico-conceituais e metodológicos.

Nesse sentido, desejamos demarcar aqui a importância de um livro conhecido e necessário para a formação básica dos estudantes universitários de EF intitulado *O que é Educação Física*, de Vitor Marinho de Oliveira (1993), cujo eixo central consiste em problematizar a dificuldade em se definir a EF como um objeto simples da ciência, tal como ocorre com as chamadas ciências de base ou ciências-mãe. Significando como um processo labiríntico, o referido autor realiza algumas perguntas, as quais orienta brevemente algumas respostas: I) EF é ginástica?, II) EF é medicina?, III) EF é cinema?, IV) EF é jogo?, V) EF é esporte?, VI) EF é política? e VII) EF é ciência? Assim, pela pluralidade de relações que a EF estabelece histórica, política e epistemologicamente com outras áreas e objetos de estudo, evidencia-se a impossibilidade de definir essa disciplina com base no princípio científico da simplicidade.

De acordo com Bunge (1974), é próprio da ciência “(...) a questão de saber se a realidade é, por sua vez, simples ou não (...)”, o autor continua dizendo que “(...) um sistema de signos tal como uma teoria pode ser complexo (ou simples) de várias maneiras: sintática, semântica, epistemológica ou pragmaticamente” (p.121). Longe do interesse em aprofundar esse tema, a referência acima serve para localizarmos o presente debate no âmbito da ciência em geral, para não restringirmos nossa visão do problema, como se fosse um problema de uma área política e economicamente desvalorizada da pesquisa. A EF enfrenta o dilema simplicidade-complexidade como qualquer outro campo da ciência, as mais ou menos estabelecidas do ponto de vista social, a exemplo da medicina e da física.

De todo modo, é possível atualizar as perguntas lançadas por Oliveira (1983), apoiado em uma das principais teses do epistemólogo Bachelard (2010), quando defende, tanto na física quanto na química, estendendo isso para outras disciplinas, inclusive para o campo pedagógico do ensino de ciências, que a individualidade dos elementos “(...) seria incerta, fugidia, aleatória, estritamente falando, já que realizaria um caso particular de um jogo essencialmente complexo. Em microfísica nunca se tem a certeza de experimentar sobre um elemento isolado pelo simples fato de que não há meios para reconhecer o objeto isolado” (p.25). Mais à frente, Bachelard (2010) argumenta: “Para descrever seus fenômenos, (a física moderna) a microfísica precisa de uma

multiplicidade de micro-objetos. Ela não pode se colocar diante de um único objeto do qual delinear a forma. Ela só pode propor um esquema que resuma experiências múltiplas” (p.48).

Nesse sentido, a angústia epistemológica da EF acerca de não ter conseguido definir um objeto, um método, uma teoria, um tema ou campo temático próprio não é mais um problema. Isso era um problema para a ciência positivista, que buscava e delirava fenômenos de uma única e exclusiva variável. Por essa via de pensamento, localizamos as relações entre EF e cinema no interior das experiências múltiplas da ciência, da pluralidade de relações da EF. A questão geral incide, portanto, sobre a noção contemporânea de que a EF em si — como o único em si possível — consiste em um objeto científico composto e complexo e que, portanto, não se define por si e em si mesma. Assim como o próprio Oliveira (1983) expressou ter enfrentado o problema do simples e do complexo há mais de trinta anos, quando a EF, justamente por ter sido inserida no universo científico, não se restringindo apenas a uma prática, passou a enfrentar a motivadora problemática da complexidade e da relatividade dos fenômenos, isso sem mencionar as bases do princípio da incerteza, de Heisenberg.

Retomando o objetivo de nosso estudo, que foi investigar as relações entre cinema e EF a partir da produção de conhecimento da temática em periódicos nacionais da EF brasileira, no período 2000-2015. Podemos mencionar, por enquanto, que a relação entre cinema e EF é, ainda, inicial nesses termos — embora as origens comuns assinalados —, mas que essa mesma relação se amplia quando o cinema é interposto perante outras manifestações sociais, como o esporte, lazer e educação, principalmente, os que se desdobram para problemáticas políticas, econômicas e culturais relativas ao corpo, sexualidade, gênero, trabalho, estética, ética etc., que são estudados quando manifestos em lugares institucionais diversos, a exemplo da família, escola, universidade, religião, festa, entre outros. Não obstante, nesse campo fértil de relações múltiplas, a EF pode, então, desenvolver-se como ciência propriamente moderna, já que está imersa em dinâmicas complexas da realidade sempre transbordante e fugidia em relação aos enquadramentos estruturantes dos horizontes teórico-conceituais e metodológicos da ciência e da epistemologia.

Referências

- Alcaut, M. (diretor). *Diamantes negros*. Fado Filmes: Portugal, e Potenza Producciones: Espanha.
- Almeida, M. A. B., Gutierrez, G. L., e Marques, R. F. R. (2013). Lazer no Brasil: as transformações durante o regime militar (1964-1984). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27(1), 101-115.
- Andrade, J. P. de. (diretor). (1968). *Garrincha, alegria do povo*. Herbert Richers: Brasil.
- Bachelard, G. (2010). *A experiência do espaço na física contemporânea*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Barreto, L. C., Nogueira, A. (produtores) e de Andrade, J. P. (diretor) (1963). *Garrincha, alegria do povo* [filme].
- Bettoni, R. (2011). Para além do uso do cinema na educação: relato de metodologia de trabalho interdisciplinar com alunos do 8º e 9º anos do ensino fundamental. *Revista Trama Interdisciplinar*, 2(1).
- Bracht, V. (2007). *Educação Física e ciências: cenas de um casamento* (in)fe-liz. Ijuí: Editora Unijuí.
- Bunge, M. (1974). *Teoria e realidade*. São Paulo: Perspectiva.
- Butler, J. (2010). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. Em G. L. Louro (2010), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Catani, D. B., e Sousa, C. P. de (1999). O catálogo da imprensa periódica nacional paulista (1890-1996): um instrumento de pesquisa. *Imprensa periódica educacional paulista (1890-1996): catálogo*.
- Chaves, P. N., e Araújo, A. C. (2015a). Resistência queer: marcação do território gay no cenário heteronormativo do esporte. *Pensar a Prática*, 18(1).
- Chaves, P. N., e Araújo, A. C. (2015b). Pensando o corpo travestido e transsexualizado no esporte: uma análise da película *Beautiful Boxer*. *Motri-vivência*, 27(45), 219-229.
- Christensen, C. H. (diretor) (1962). *Rei Pelé*. União cinematográfica brasileira: Brasil.
- Coelho, L. A. M. C., Mourão, L., Oliveira, M. A., Coelho, C. M., Assis, M. R., Ferreira, N. T. (2012). A dança do Dabke da literatura ao cinema:

- considerações do/em movimento do livro *Lavoura Arcaica* de Luiz Fernando Carvalho. *Movimento*, 18(3), 281-298.
- D'Ursi, C. Fonseca, J., Galvão Teles, L., López Riesgo, A., Veermäe-Kaldra, A. (produtores) e Alcantud, M. (diretor) (2013). *Diamantes Negros* [filme]. Eurimages, Fado Filmes, Fundación Voces, Instituto de la Cinematografía y de las Artes Audiovisuales, Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, Potenza Producciones, Producciones Cinematográficas 'Ritmo', Programa Ibermedia.
- Dawson, K. (produtora) e Herrington, R. (2004). *Bobby Jones: Stroke of Genius* [filme]. McDongall Films.
- Deleuze, G. (2009). *Cine I: Bergson y las imágenes*. Buenos Aires: Cactus.
- Dias, C. (2012). Pingue-Pongue na Mongólia: esporte, imperialismo e resistência cultural no Leste Asiático. *Movimento*, 18(4), 293-308.
- Duarte, R. (2002). *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Dutta, R., Khan, A. (produtores) e Gowariker, A. (diretor). *Lagaan: Once Upon a Time in India*. Aamir Khan Pructions, Jhamu Sughand Productions.
- Falco, D. de P. (2007). Lazer fora de casa: o cinema como equipamento mágico do urbano. *Licere*, 10(1), 1-25.
- Fernandes, V., e Mourão, L. (2014). “Menina de ouro” e a representação de feminilidades plurais. *Movimento*, 20(4), 1611-1629.
- Finco, M. D., e Fraga, A. B. (2013). Corpo *joystick*: cinema, videogames e estilo de vida ativo. *Licere*. 16(3).
- Fortes, R. (2014). Surf feminino, indústria do surfwear e promoção da África do Sul: uma análise de A Onda dos Sonhos 2. *Licere*, 17(2), 283-311.
- Galak, E. (2017). Educar (con) la mirada. Discursos políticos y sentidos estéticos sobre la cultura física en noticieros cinematográficos. En G. O. Sauter *et al.*, *Gregorio Weinberg: escritos en su honor* (pp. 55-74). Buenos Aires: CLACSO, Red Weinberg de Estudios en Historia de la Educación
- Gamboa, S. (1995). Teoria e prática: uma relação dinâmica e contraditória. *Motrivivência*, p. 31-45.
- Giorgeti, H. (diretor). (1998). *Boleiros: era uma vez o futebol*. Secretaria Municipal de cultura de São Paulo: Brasil.
- Gonçalves, H. de A. (2005). *Manual de metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: Avercamp.

- González, J. I. B. e Campazas, H. R. (2014). Tráfico de jovens no futebol: Diamantes negros, um texto cinematográfico de sociologia pública. *Movimento*, 20 (número especial), 197-210.
- González, J. I. B., e Campazas, H. R. (2013). O futuro imediato do filme despótico “Rollerball” temas geradores para estimular a imaginação sociológica nos estudos de ciência da educação física e esportes. *Movimento*, 19(3), 79-101.
- Gowariker, A. (diretor). (2001). Logaan: era uma vez na Índia. Sony Pictures - AMZ: Brasil.
- Hao, N. (diretor). (2005). Pingue-pongue na Mongólia. Bu He, Bin Lu: China.
- Herrington, R. (diretor). (2003). Bobby Jones: a lenda do golfe. Columbia Pictures: EUA.
- Horn, L. G. R., e Mazo, J. Z. (2009). Um estudo histórico sobre a torcida do “Grêmio esportivo Renner” de Porto Alegre (1945-1959). *Pensar a Prática*, 12(2), 1-13.
- Kurosawa, A. (diretor). (1943). Sanshiro Sugata. Toho: Japão.
- Le Breton, D. (2011). *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Louro, G. L. (2000). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lukács, G. (1978). *Introdução a uma estética marxista*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- Magalhães, C. H. F., Batista, D. M. D., e Garcia, J. D. (2014). Sonhos no (de) gelo: a análise fílmica na perspectiva da estética lukacsiana. *Motrivivência*, 26(42), 161-174.
- Maia, T. N., Araújo, G. R., Mota, G. G., e Alves Junior, E. D. Discutindo as atividades de aventura na natureza a partir do Rio Mountain Festival. *Licere*, 18(3), 228-248.
- Mannathukkaren, N. (2012). Críquete e nacionalismo Hindú na Índia: ilusões da interpretação textual. *Pensar a Prática*, 15(1), 197-234.
- Marcellino, N. C. (2009). Lazer, Saúde e Educação Física: a corporeidade e a qualidade de vida. In: Moreira, W. W. et al. *Educação física e produção de conhecimento: corporeidade, esporte, lazer, saúde*. Belém: EDUFPA.

- Marihno de Oliveira, V. (1993). *O que é Educação Física*. Brasil: Editora Brasiliense.
- Matsuzaki, K. (produtor) e Kurosawa, A. (diretor). *Sanshiro Sugata* [filme]. Toho Studios.
- Melo, V. de A. (2005). A presença do esporte no cinema: de Étienne-Jellus Marey a Leni Reifenstahl. *Movimento*, 11(2), 111-130.
- Melo, V. de A. (2005). A presença do esporte no cinema: de Étienne-Jellus Marey a Leni Reifenstahl. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*, 19(2), 115-25.
- Melo, V. de A. (2006). *Cinema & esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Melo, V. de A. (2006). Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*, 20(4), 281-95.
- Melo, V. de A., e Fortes, R. (2009). O Surfe no cinema e a sociedade brasileira na transição dos anos 70/80. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*, 23(3), 283-96.
- Melo, V. de A., e Peres, F. de F. (2005). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional.
- Minatoya, Y., Fuyuhiko, N., Ogawa, K. Sakura, K. (produtores) e Nagasaki, S. (diretor) (2007). *Kuro-obi* [filme]. Bandai Visual Company, Cafe Groove, Cross Media, Harajuku Sun-Ad, Hexagon Pictures, Kiccorit, Kuro-Obi Partners.
- Moore, M. (diretor). (2002). *Tiros em Colombine*. Metro-Goldwyn-Mayer: EUA.
- Nagasaki, S. (diretor). (2007). *Kuro Obi*. Toei Company: Japão.
- Nassar, R. (1989). *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das letras.
- Oliveira, K. M., e Mendes, M. I. (2012). “Cuidado de si” e lazer cinematográfico: construindo liberdades e subjetividades a partir do cinema alternativo. *Licere*, 15(2), 1-18.
- Oliveira, S. T., Gomes, I. M., e Almeida, F. Q. O corpo e as práticas de si: a construção bioidentitária de um lutador de wrestling profissional em tela. *Movimento*, 17(3), 197-214.
- Oliveira, V. M. de (1983). *O que é Educação Física*. São Paulo: Brasiliense.
- Pádua, E. M. de (2004). *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. Campinas, São Paulo: Papirus.

- Peil, L. M. N., e Lovisolo, H. R. (2010). Romantismo, esporte e cinema: Bobby Jones — A lenda do golf. *Movimento*, 16 (2), 289-308.
- Pinto, F. M., e Perreira, L. G. (2005). A experiência de ver filmes na formação inicial de professores de educação física. *Pensar a Prática*, 8(1), 101-115.
- Riefenstahl, L. (diretora). (1938). *Olympia* [filme]. Olympia-Film.
- Rodrigues, M. G. (2002). Olympia: la mirada femenina sobre los juegos olímpicos de Berlín. *Movimento*, 18(3), 89-95.
- Romanowski, J. P., e Ens, R. T. (2006). As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. *Diálogo Educacional*, 6 (19), 37-50.
- Shaviro, S. (2015). *O corpo cinematográfico*. São Paulo: Paulus.
- Sousa, M. F. (2013). O caminho-via-marcial no cinema japonês: estudos sobre a representação do Budô em Sanshiro Sugata e Kuro Obi. *Movimento*, 19(2), 327-345.
- Souza Neto, G. J., e Silva, S. R. (2009). O advento do lazer em Belo Horizonte ou das “festas e diversões”: um estudo dos hábitos de divertimento na cidade moderna a partir do Minas Gerais. *Licere*, 12(2), 1-27.
- Vaz, A. (2006). Reflexões de passagem sobre o lazer: notas sobre a pedagogia da Indústria cultural. *Pensar a Prática*, 9(1), 13-26.